

# Lambe:Lambe

Revista do Projeto ESPIA SÓ! - Formação e Montagem de Teatro Lambe-Lambe  
Edição N° 1



Cia Andante - Itajaí - SC - Brasil



## Ficha Técnica do Projeto

Direção geral: Jô Fornari

Direção de cena: Marcelo F. de Souza

Atores-manipuladores: Jô Fornari, Sandra Knoll e Laércio Amaral

Cenários: Roberto Gorgati

Figurino e design gráfico: Daniel Olivetto

Trilhas sonoras: Fernando Knoll, Fabio Kabelo, Casa de Orates e canção "Cais do corpo" de Paulo Freire

Orientação de pesquisa da cultura cigana: Lourival Andrade Junior

Programação visual e diagramação da revista: Luzciane Nascimento

Produção: Cia Andante Produções Artísticas

## Índice fotográfico:

Pg. 06 – Espetáculo Espia Só!

Pg. 09 – Ismíne e Denise

Pg. 10 e 12 – Maria do cais e Do lado de lá

Pg. 14 – Marcelo e Sandra

Pg. 16 e17 – Trickster, A iluminação e Espetáculo Espia Só!

Pg. 20 – Estrutura do boneco da Caroline

Pg. 24 e 25 – O quarto de Edith e Baldio

Pg. 26 – Alex e Paulo

Créditos das fotos: Guilherme Meneguelli e José Matarezi

## Agradecimentos:

Aos artistas que participaram conosco da oficina: Mônica Longo, Guilherme Peixoto, Luis Melo e Odessa Cristina. Caroline Holanda por acreditar e incentivar, Alex Nascimento por sua participação no primeiro ano, Priscila Teixeira pelas ferramentas ortodônticas, José Matarezi pela parceria e fino olhar, Cia Experimentus por ser inspiradora e motivadora na estruturação do projeto, Lourival Andrade Jr pela contribuição na pesquisa dos ciganos, Ismíne Lima e Denise dos Santos pela grande invenção do Teatro Lambe-Lambe, às empresas apoiadoras e principalmente aos amigos e artistas Paulo Fontes e Eduardo Custódio da Cia Gente Falante de Porto Alegre, pela generosidade, amorosidade e incentivo no projeto.



Rua José Tedeo, 196, São Judas - Itajaí / SC / Brasil

Fones: 47 3344 2664 - 9624 6790

ciantante@gmail.com - www.cia-andante.com.br

## Sumário

- 2 Projeto Espia Só!
- 6 Os primórdios do Lambe-Lambe (Ismíne Lima e Denise dos Santos)
- 8 O teatro confessional (Jô Fornari)
- 11 Como o Dato fazia (Marcelo F. de Souza)
- 14 Caixa fechada, Minímos espetáculos Olhos espreitam (Laércio Amaral)
- 17 Inversamente proporcional: o trabalho do ator-animator no Teatro Lambe-Lambe (Caroline Holanda)
- 20 Economia de meios no Teatro Lambe-Lambe (Sandra Knoll)
- 24 Lambe-Lambes sobreviventes (Paulo Fontes e Cia Gente Falante)
- 26 Espetáculo número 1 (Roberto Gorgati)
- 28 Manual básico do lambe-lambeiro ou algumas bobagens interessantes (Jô Fornari)

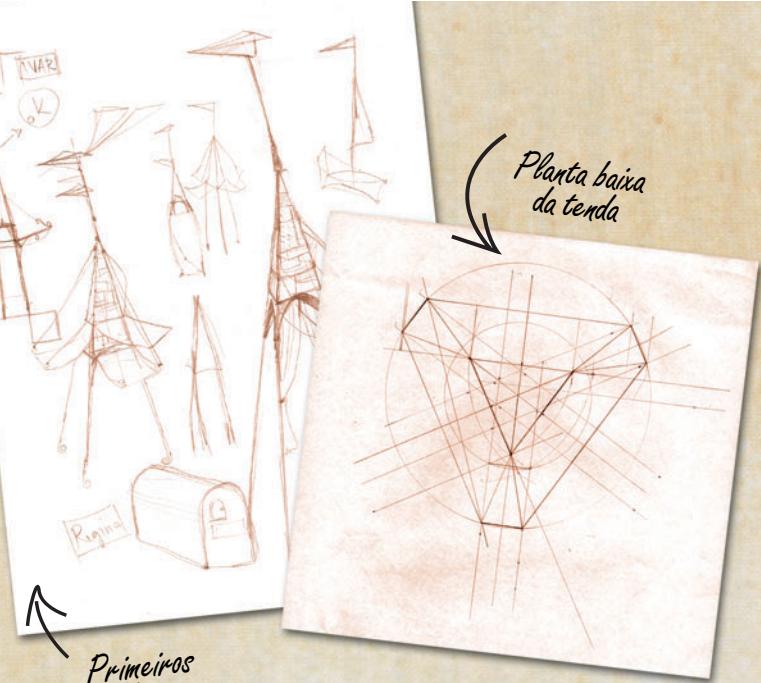
# Projeto Espia Só!

Uma tenda, uma caixa, um espetáculo. Esta foi a primeira idéia do que viria ser a intervenção ESPIA SÓ!

Três anos depois a ideia amadureceu e ganhou novos parceiros. Éramos um grupo e um projeto: uma tenda, três caixas, três espetáculos.

Queríamos agrupar criadores e nos aprofundar nesta linguagem ainda recente. Assim nasce o *Projeto ESPIA SÓ! Formação e Montagem de Teatro Lambe-Lambe*.

Iniciamos com uma oficina de miniaturização ministrada pela *Cia Gente Falante* que foi imprescindível ao processo. Em seguida, nos lançamos ao trabalho de pesquisa e



Primeiros esboços

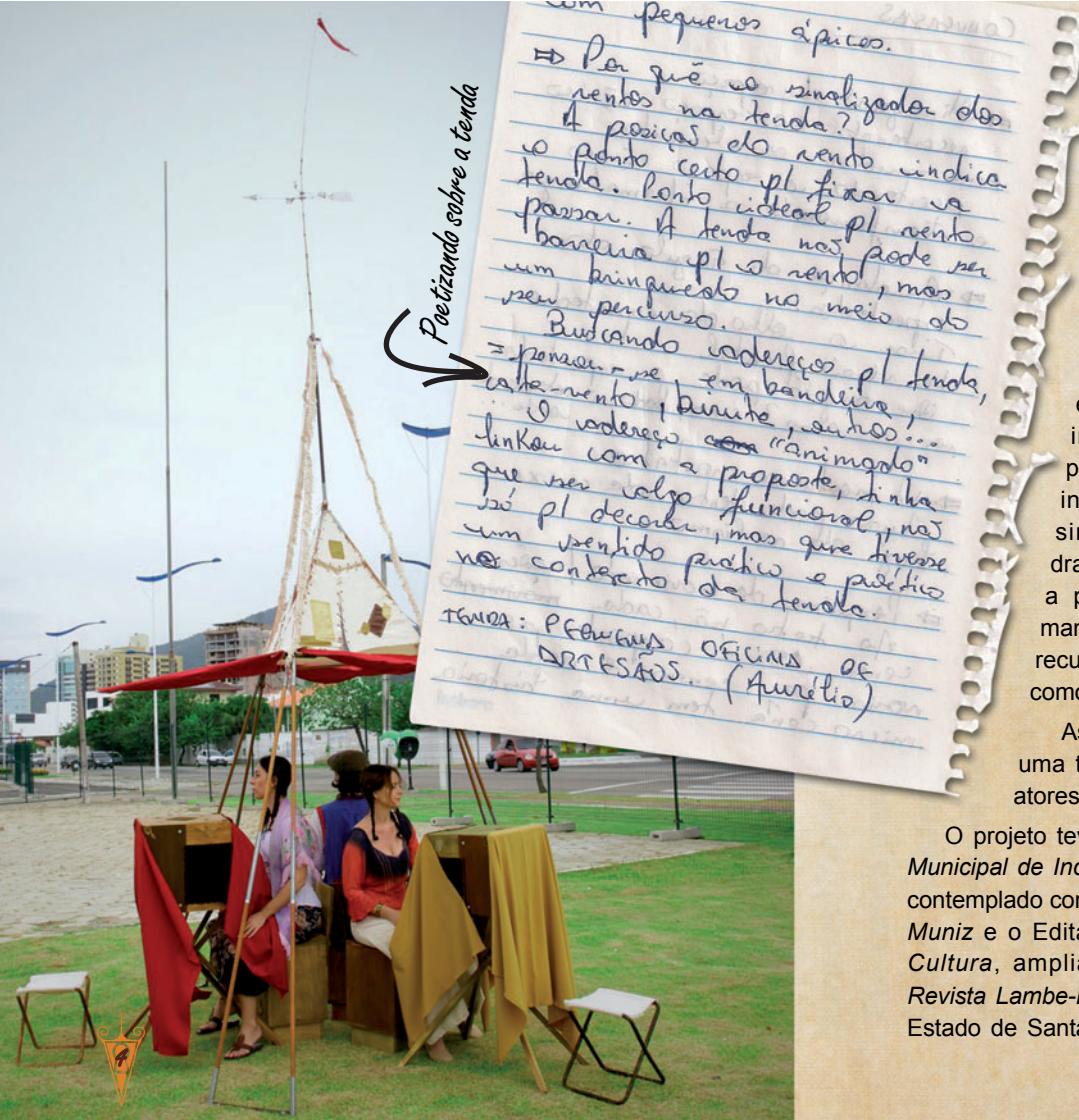
Anotações técnicas

LEVANTE TENDA

1º PASSO: CONSTRUÍR DA CAIXA DE PAPELÃO. PRÓTOTIPO DO ESPAÇO CÂMICO. DIRESSAGENS DE CRÔNIOS, BONETOS.  
- O OLHO DO MANIPULADOR (BONETO) DEVE ESTAR ACIMA OU A BAIXO DO CAMPO DE VISÃO DO ESPECTADOR. NUNCA NA MESMA LINHA. ISSO GUARDA O EFEITO FUTURO "OLHO" DENTRO DA CAIXA.

Lista de afazeres

- TENDA
- Costurar tecidos (55) - 0%
  - moldes Roberto
  - fios nemelhos
  -
- CRÔNIOS
- → moldes (muda fez)
  - anelar (sim)
  - anelarizada



um pequenos síticos.

→ Por que os sinalizadores dos ventos na tenda?

A posição do vento indica o ponto certo pt fixar a tenda. Ponto ideal pt vento passar. A tenda não pode ser bancaia pt os ventos, mas um brinquedo no meio do seu percurso.

Buducando voderecos pt tenda, permanecer em bandeira, cante-vento, burrote, ouros... O vodereco com "animado" linkou com a proposta, tinha que ser algo funcional, não só pt decoração, mas que tivesse um sentido prático e prático no contexto da tenda.

TENDA: Prazeres OFICINA DE ARTES. (Aurélio)

montagem nos moldes do processo colaborativo: cada ator criaria sua própria história e a construiria com a colaboração dos convidados do projeto: cenógrafo, diretor, orientador de pesquisa, figurinista e produtor.

Além desse processo individual de cada ator-manipulador e da estrutura física que caracterizaria a intervenção na rua, queríamos principalmente nos aprofundar na investigação dessa dramaturgia tão sintética. Então optamos por uma dramaturgia de processo, que surgiria a partir das experimentações com manipulação, objetos, materiais e outros recursos que auxiliariam na construção, como a literatura e a música.

Assim, ao final do processo, teríamos uma tenda que abrigaria três caixas, três atores e um repertório de espetáculos.

O projeto teve início em 2008, apoiado pela *Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Itajaí*. Em 2009, contemplado com o Prêmio Funarte de Teatro *Myriam Muniz* e o Edital *Elizabeth Aderle de Estímulo à Cultura*, ampliamos o repertório, produzimos a *Revista Lambe-Lambe* e iniciamos a circulação pelo Estado de Santa Catarina.

# *Os Primórdios do Lambe-Lambe*

**“Fazer uma peça para o Teatro Lambe-Lambe é como encontrar uma pérola no fundo do mar.”**

(Ismine Lima)

As atrizes-animatoras Ismine Lima, cearense, e Denise dos Santos, baiana, consideradas as criadoras desta Linguagem Teatral no Brasil, contam sobre as circunstâncias que originaram essa criação.

Ismine Lima atribui a criação do Teatro Lambe-Lambe a uma série de circunstâncias e necessidades do trabalho que ela e Denise dos Santos realizavam na época. No ano de 1989, Denise trabalhava em atividades pedagógicas utilizando bonecos. Ela construiu uma boneca de espuma grávida, que carregava uma bonequinha menor dentro da barriga. Ela usava estas bonecas para encenar um parto em oficinas de educação sexual para adolescentes. Ao mostrar para Ismine esta cena de parto, ela argumentou que aquele tipo de cena não poderia ser feita daquela forma, pois o nascimento é um ato muito íntimo e delicado, um segredo que deveria ser resguardado. Denise, que ainda não havia analisado

a questão por aquele prisma, concordou com a colega. Assim ambas começam a questionar de que outras formas abordar aquele tipo de temática.

Ao andar pelas ruas de Salvador, Ismine se depara com fotógrafos ambulantes, os chamados fotógrafos Lambe-Lambe, que naquela época ainda estavam presentes nas ruas daquela cidade, carregando suas caixas pretas. Estas máquinas fotográficas antigas serviram de inspiração para que ela tivesse a idéia de colocar um pequeno espetáculo dentro de uma caixa, que seria assistido por uma única pessoa de cada vez. Elas já tinham a cena do nascimento, que justamente precisava ser apresentada de uma forma mais intimista, então essa foi a solução adotada: colocar a cena do parto dentro da caixinha e apresentar este espetáculo. Assim foi criado o primeiro espetáculo de Teatro Lambe-Lambe, *A Dança do Parto*.

Fonte: Teatro Lambe-Lambe: O menor espetáculo do mundo. Valmor Beltrame e Kátia de Arruda. [www.ceart.udesc.br/revista\\_dapesquisa/volume3/numero1/cenicas/katia\\_nini.pdf](http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume3/numero1/cenicas/katia_nini.pdf)



# O Teatro Confessional

Jô Fornari – Direção Geral

Tenho refletido sobre o Lambe-Lambe no sentido do teatro confessional. Não no sentido da confissão pessoal do ator, mas no confidencial, no intimismo e, isso, me remete ao confessionário: uma caixa, duas pessoas, um segredo. Em “algo que se vela e se desvela ao mesmo tempo” (Daniel Veronese). Mas o que é isso que se confidencia? Quando e porque se decide segredar algo para alguém? Aí parece residir a essência do Teatro Lambe-Lambe. Uma linguagem que propõe essa relação com o público extremamente próxima – alguns centímetros de distância – ali no interior da caixa, apenas ator e espectador compartilhando um segredo, trocando olhares, energias, respirações,

ou seja, sentindo essa relação que, sem dúvida, solicita do ator total respeito e comprometimento com seu único (e todo) público, tornando cada sessão única e individual. Esse grau de intimidade gerado me parece mesmo uma confidência, um teatro confessional.

Confesso que algumas vezes me perguntei: “Mas o que é que estou fazendo? Qual o sentido de me dedicar a construir um espetáculo tão pequeno?” Não obtive resposta, simplesmente continuei. Há algo nesse teatro que minha razão ainda não decodifica. “É preciso ultrapassar a lógica para viver o que há de grande no pequeno”, diz Bachelard. As miniaturas exercem um fascínio que por vezes me escapa a razão. Nessas obras aparentemente simples, tão pequenas, tão singelas, há algo de grande que busco compreender, mas, não consigo ultrapassar a lógica. Talvez deva simplesmente, como propõe Galeano, “aprender a amar o mistério”.

Quem assiste a um espetáculo de Lambe-Lambe, por alguns minutos se “transporta” para outro lugar e algo



“É preciso ultrapassar a lógica  
para viver o que há de grande no pequeno.”  
(Bachelard)



se transforma nessa pessoa, ela sai diferente. Desconfio que ela entre em contato com algo seu profundo, algo da sua alma e, por isso, a fascinação.

Isso tudo é o objetivo primordial do teatro em si, porém, por algumas especificidades dessa linguagem, parece que o Teatro Lambe-Lambe aciona esse contato mais rapidamente. A rapidez das imagens e sons oferecidos é uma "maquininha" de produzir sentido.

O Teatro Lambe-Lambe também possibilita ao ator-manipulador exercer todas as funções do fazer teatral, lançando-se em total autonomia como criador e construtor de sua obra, desenvolvendo sua técnica, poética, estética, sendo nesse sentido, roteirista, manipulador, diretor, técnico, cenógrafo, iluminador, dramaturgo, enfim, o artesão do teatro. E Ele ainda nos dá o privilégio de termos nosso "Teatro Próprio", com atores e técnicos independentes e itinerantes, podendo ser carregado nas mãos e o mais incrível: sessão sempre lotada.

# Como o Dato Fazia

**Marcelo F. de Souza** – Diretor de Cena

Comecei a fazer teatro em 1990 no interior do estado de Santa Catarina. Naquela época, naquele lugar, fazer teatro era diferente. Pensávamos diferente.

Sobre teatro tínhamos basicamente os três livros do Stanislávski e o do Grotowski e era isso. Existiam outros livros, o que não existia era internet ou livrarias que vendessem livros de teatro. Quem tinha algo diferente trazido de fora do estado ou do país e não emprestava para xerocar nem sob ameaça.

Foi no meio daquela década que conheci o Faleiro, que morava em Blumenau, com uma já nutrida biblioteca particular. Sua casa era pequena e mal tinha espaço para ela. Os livros se acotovelavam pelos corredores, banheiro, por tudo. Garimpar aquela casa era um prazer inédito. Sempre com o conhecimento, simpatia e chazinho que Faleiro tinha e tem para oferecer.

Digo isso, porque nessa época comecei também a utilizar a linguagem de bonecos, melhor dizendo, me tornei bonequeiro.

Se para teatro encontrar material era difícil, para os bonecos era improvável. Não tínhamos um livro da Magda Modesto, sequer. No máximo aqueles livros de artesanato para professores de educação artística que ensina a fazer fantoches coloridos e inexpressivos.

Teatralmente o estado não conhecia sua capital e a nossa impressão era que a recíproca era verdadeira. Participando dos festivais mais próximos, sabia-se que trabalhava com bonecos o Dato de Lages, o Willian, Itamar, Luciano de Rio do Sul, a Téspis em Itajaí, em Blumenau o Antônio Leopolski e, com o Grupo Canhoto, Pedro Dias e eu.

Nenhum deles pelo que se sabia vinha de uma família de bonequeiros como é ou era comum no meio. Todos autodidatas aprendendo por tentativa e erro os segredos de seu ofício. Ninguém fez oficina, estágio, residência, curso, disciplina, universidade. O que se fazia era se enfiar no lixão de sua cidade e juntar toda uma sorte de cacarecos que poderiam se transformar em uma cabeça, mão ou qualquer “resignificância” assim.

Conversas sobre  
concepção  
(momento criativo)

O diretor e a atriz  
Sandra Knoll



A FLOR DO LATO DE LÁ / Pedro Mello  
Enredo: uma "anta" que ficou num vinhedo  
aberto, numa flor, tenta nos nos  
consegue. Não nos parece que há  
a mesma flor no seu rosto.  
- Mantenha essa ideia, estória da história  
máscara: James fogo a história fala?  
- só né, apesar de mim falar a história  
a anta pede pra mim... Mantenha...  
uma pedra...  
na sua bolada?  
- que raro a flor?  
- qualquer coisa... uma pedra...  
na sua bolada.  
- A bolada não, não é flor, né poste, e  
flor tem na cara de "depois", tem a pele  
do "guerreiro".  
- a bolada...

Não existiam professores, ninguém era doutor, ninguém era ator-animador de formas. Nossa sonho era ser como o Dato, que ainda era o único que já tinha apresentado um espetáculo mais de cinco mil vezes. Um tal de Chapeuzinho Vermelho, de luva, com vozes gravadas (com direito a voz da chapéu dublada pela Letícia Sabatela e do lobo mau aparecer com uma guitarra cantando uma música do Lobão), tudo muito simples e... mágico! Quem viu a cena dos sapos e dos patinhos, sabe.

Depois disso conheci Olga Romero e descobrimos Canela. Ir para o festival de Canela, creio, era o Natal de todo bonequeiro catarinense.

Em 1996 levei a Canela minha primeira caixa de Lambe-Lambe. Lá conheci Ismine Lima e Denise dos Santos, as mães desse formato. E conheci também o Nini (ainda de barba negra) e a própria história do teatro de bonecos catarinense. Conhecia o Dato, o Lota, a Olga e o Nini, mas não sabia do Gralha Azul e de como tudo isso começou por aqui.

Hoje ser bonequeiro é ter conhecimento de sua história, possibilidades de linguagem, é ter acesso a toda uma gama de informação. É saber de toda essa discussão, Kantor e afins. Hoje sou acadêmico de cênicas, escrevo meu trabalho de conclusão de curso sobre formas animadas e, na realidade, junto com o Nini, apostei, tenho muitas saudades do Dato.

# *Caixa fechada, Mínimos espetáculos Olhos espreitam.*

Laércio Amaral – Ator

Para falar do processo de montagem do teatro em miniatura, e em especial aqui, do Teatro Lambe-Lambe, alguns pontos orientam esta breve exposição: como concentrar a beleza poética num mínimo espaço e tempo? Qual a perspectiva, no contexto deste projeto, do teatro na rua? Como expressar, como artistas, as impressões que temos do tempo em que vivemos?

Buscando entrecruzar essas perspectivas, penso que

existe um ponto de contato entre esta manifestação teatral e a essência do haikai. Nas palavras do poeta Rodrigo Siqueira, “o haikai busca capturar a essência do local numa poesia contemplativa e descriptiva com grande valorização nos contrastes, na transformação e dinâmica, no que é momentâneo versus o que é eterno (ruptura do contínuo) e no elemento de surpresa”.

Outrossim, minha ótica frente ao mundo é a de que estamos, enquanto grupo humano, gravemente doentes, com uma “cegueira branca (Saramago)” que nos fez perder a noção do quão neuróticos nos tornamos. É sintomático o exagero e a extração em praticamente todos os segmentos da vida humana; o acúmulo e o desperdício tornaram-se a regra geral. Somado a isso, ainda vivemos “correndo atrás da máquina”.

Desta forma, a experiência da montagem deste “haikai cênico” nos remeteria à condição do artista que se



contrapõem a essa faceta, pois além de levarmos o trabalho para a rua, o “espaço público” por excelência e onde se diz ser a origem do próprio teatro, a estrutura dos espetáculos é de pequenas dimensões e eles buscam transportar cada espectador, individualmente, a dimensões infinitas. Além do que, a atmosfera criada pelo Teatro Lambe-Lambe parece levar ambos os “protagonistas” – ator e espectador – a saírem da experiência invariavelmente transformados.

Ao reduzir em tamanhos tão pequenos um ambiente e uma condição, buscamos sua essência; ao levar espetáculos de pequenas dimensões para a rua, valorizamos o contraste; ao contar ao espectador uma história tão concisa e num ambiente tão inusitado, oportunizamos a contemplação; ao montar o ambiente cênico onde transitam livremente pessoas, criamos a ruptura do contínuo e ao estruturar um espetáculo dentro dessas condições, investimos na surpresa.

Esta é nossa proposta.

Tenham todos um bom espetáculo!

...a atmosfera criada pelo  
Teatro Lambe-Lambe parece levar ambos  
os “protagonistas” – ator e espectador –  
a saírem da experiência  
invariavelmente transformados.  
(Laércio Amaral)

# *Inversamente proporcional: o trabalho do ator-animador no Teatro Lambe-Lambe*

**Caroline Holanda** – Mestre em Teatro  
com pesquisa sobre Teatro de Animação

Percebo que muitos pensam que o Teatro de Animação é um campo artístico de mais fácil criação e execução. É bem verdade que alguns trabalhos que se encontram por aí colaboram para a formação dessa opinião. Entretanto, essa arte é extremamente exigente em seu fazer. A interpretação do ator se estabelece na relação entre seu corpo e o objeto, mas é no objeto que ela tem sua imagem apresentada, realizando o que chamamos de desdobramento objetivado e que caracteriza o trabalho do ator no Teatro de Animação.

Mantendo a presente reflexão no âmbito dos princípios técnicos do Teatro de Animação, eu diria que se uma partitura de gestos e ações executada com clareza e precisão constitui um dos fundamentos da animação, na miniatura ela é uma condição imprescindível, já que qualquer mínimo



movimento toma grande dimensão. Assim como a noção de síntese, na qual um elemento pode representar mais que a si mesmo, mais que aquilo que apresenta enquanto fonte de significação, deixando lacunas a serem preenchidas pelo público num ato criativo.

A síntese no Lambe-Lambe é hiperbólica: o boneco-objeto pequeno – geralmente com mais restrita mobilidade que os convencionais – demandam ainda mais apurada seleção dos gestos e ações mais expressivas na composição de sua

partitura. Lembro de certa vez uma colega narrar-me sobre um Lambe-Lambe que lhe encantara a cena em que a flor piscava os olhos e... assim que pude lhe perguntei: “E o boneco tinha mecanismos de olhos?”...ao que ela me respondeu que não. A piscada de olhos por ela “vista” é fruto da execução da animação em conjunto com sua imaginação. Acontece, portanto, nessa vertente do Teatro de Animação, um aumento da participação dos espectadores na construção de sentido dos signos apresentados. Essa participação, além dessa característica, ocorre com a intensificação da relação de proximidade entre artista e espectador, dado que o ator-animator desenvolve seu trabalho para uma pessoa e, embora possa ser para um número maior, como encontramos, o tamanho reduzido dos objetos convida a essa aproximação.

Muito poderia ser falado sobre esse universo que se encontra em plena efervescência no Brasil, sob diferentes perspectivas nessa abordagem. Entretanto, centrando-se sobre o recorte dado nesta reflexão, sublinho então que, ao contrário do que pode parecer, o Teatro Lambe-Lambe exige do ator-animator um esforço inversamente proporcional ao seu tamanho: quanto menor o objeto inanimado maior a exigência em sua animação. Isso claro, se também for inversamente proporcional à miniatura o comprometimento do artista na realização de um trabalho de qualidade.

# *Economia de Meios no Teatro Lambe-Lambe*

**Sandra Knoll – Atriz**

A primeira experiência que tive com o Teatro Lambe-Lambe foi no Projeto Espia Só! em 2008. Tinha assistido apenas a um espetáculo e veio o convite para trabalhar nesse projeto. No começo relutei pelo fato de nunca ter sequer brincado com bonecos na infância, o que me dava o direito de dizer que nunca tinha tido essa experiência nem ao mesmo com os bonecos tradicionais. Aceitei o desafio, pois queria saber e experimentar como acontecia aquela magia dentro de uma caixinha.

A oficina que tivemos com a Cia Gente Falante de Porto Alegre foi o pontapé inicial e de maior importância dentro do meu processo no projeto.

Mas falo isso e contextualizo esse momento para dizer algo que foi marcante nesse processo justamente por ser ele um fator determinante entre algumas, senão todas, formas artísticas.

**A economia dos meios ou também chamada de síntese. Isso!**

Poderíamos levantar várias questões a respeito disso em relação ao momento pós-moderno-

contemporâneo e fazer as devidas ligações e “links” disso com estes momentos. Entretanto, o que gostaria de falar é desse momento de opção. No Teatro Lambe-Lambe geralmente você tem uma história curta, um conto, uma idéia, uma situação do cotidiano. Enfim, tem algo que você gostaria de contar em confidênci a já que ele será apresentado na intimidade de dois. Porém, o que você quer contar é algo que não pode ser demorado, pois é um cochicho, uma pequena travessura ou um pequeno desabafo que produzirá no espectador, a indescritível sensação de que algo, ou alguém, superou todas as medidas. A obra assim construída empresta aos demais a sensação de transcendência dos limites do homem e das coisas, sugerindo um caminho para além do que conhecemos.

A economia de meios é condição de toda técnica. Nesse sentido (imagens, cenas, trilha sonora) devem ser completamente únicas, devem ter o rigor de capturar os melhores momentos para redefinir em imagens o que se gostaria de falar.

Esse é o grande desafio do Teatro Lambe-Lambe apesar de ser também de tantas outras artes. Já que ele é considerado um teatro mínimo, de miniaturização, ele também preza pela economia e pela síntese respeitando o limite da existência já que o que não é dito pode ser sugerido e por isso mesmo, já existe.



**“No Teatro Lambe-Lambe geralmente você tem uma história curta, um conto, uma idéia, uma situação do cotidiano. Enfim, tem algo que você gostaria de contar em confidênci a já que ele será apresentado na intimidade de dois.**

**Porém, o que você quer contar é algo que não pode ser demorado, pois é um cochicho, uma pequena travessura ou um pequeno desabafo que produzirá no espectador, a indescritível sensação de que algo, ou alguém, superou todas as medidas.”**

(Sandra Knoll)



# Lambe-Lambes Sobreviventes



Porto Alegre, outono de 2010

Esvia Sói que iniciativa interessante! Enquanto o mundo contemporâneo contempla o megashow, a Broadway, superproduções teatrais, ainda resta neste mundo de tsunames, terremotos e enchentes a poesia da cena para o individual, usando como recurso o objeto de cena minúsculo que nasce para se reafirmar.

A arte do minúsculo ainda me avaixona desde sempre, e ser convidado para continuar exercitando resoluções das pequenas formas animadas em parceria com quem acredita que o individual e a pequena escala são elementos essenciais para recordar a necessidade de atenção individual, é um deleite, e antes de tudo um alento para todo este caos que estamos entregues neste mundo contemporâneo.

Foi o caso da Oficina de miniaturização que não só ministrei para a Cia Andante, mas que também tive a chance de aprender com ela. Movimentamos possibilidades de construção de cena, estruturas de iluminação, estruturas cenográficas, assistimos e discutimos referenciais, almoçamos e jantamos juntos: comida, formas animadas e o exercício do olhar para as reduções do Teatro de Formas Animadas, que há muito tempo não movimentava tanta fluência nas minhas ideias, interações e possibilidades de contestações.

Cabe citar que em 2003 eclodimos (Cia Gente Falante) em Porto Alegre um projeto chamado Circo Minimal, um projeto assim, poético e com minúcias miniaturizadas como o Esvia Sói, e este projeto tornou-se o nosso carro-chefe, ao longo da trajetória dele nos demos conta da força que essa linguagem tem. Que felicidade ver a turma do Esvia Sói, tão envolgada em "lambe-lambezar" este mundo teatral também. Saibam! Naquele momento da gestação do projeto, a troca foi tão intensa, que nem um cataclisma da natureza teve força para destruí-lo, as caixinhas Lambe-Lambe sobreviveram bravamente à enchente e não deixaram essa turma Andante esmorecer.

Meu coração está nas pequenas coisas, reafirme, este caminho foi uma "accidental" escolha que eu fiz e me avaixonei, as pequenas formas animadas são a minha grande paixão, olhar para a sua obra refletida com detalhes no outro, ver nas feições daquele público único, estampada, a mesma emoção sua quando teve o insight de criação da cena é uma experiência imágavel! É uma experiência que os fazedores de artes precisam experimentar.

Que esta iniciativa de Esviar Solitário fique cada vez mais arraigada no trabalho de vocês, que vocês continuem enxergando as verolas deste labor e que bom foi poder trocar com criadores de mini-teatros que acreditam que essa arte é potencialmente maior, que é dessas iniciativas que esse velho orbe precisa para voltar a se harmonizar.

Que a estrada se encorte cada vez mais entre nós, para voltarmos a filosofar juntos sobre os pequeninos. Merda, Esvia Sói Merda, Cia Andante!

Vida longa para esse projeto à prova de cataclismos! Tão preenchido de carinho. Abraços! Saudades!

Paulo Fontes e Cia Gente Falante

# Espetáculo Número 1

Roberto Gorgati – Cenógrafo

Quando fui convidado para participar do *Projeto Espia Só!*, não conhecia o Teatro Lambe-Lambe. Já havia visto no saguão de alguns teatros, durante festivais, algumas caixas que me pareciam conter algo interessante pois sempre havia filas e eu nunca esperei para ver o que se apresentava ali. Foi durante a oficina em Itajaí que conheci de perto aquelas caixas. Olhei por uma abertura e vi um lugar vazio. Foi isso, o primeiro contato foi com o espaço e não com o espetáculo em si. A sensação foi similar à sensação de chegar a um teatro ainda de dia, com a luz natural entrando onde aos poucos nos preparamos para montar um cenário. Percebi que ainda demoraria a ver um espetáculo naquele lugar, pois eu deveria pensar um cenário para aquele novo local. Não conhecia nenhum exemplo do que era feito ali dentro, como era a luz, como eram os atores, qual a duração da apresentação... Havia visto teatro e pensei que fosse a mesma coisa, só que em um lugar bem pequeno. Ali dentro teria, talvez, um circo de pulgas, a pomba que espera pela mão do mágico ou uma raridade. Depois de fechar as aberturas da caixa e acender apenas um foco de luz lá dentro, pude ver do que

se tratava, a proporção humana se perdia e qualquer objeto que se colocava ali, ganhava uma aparência incomum. Não era necessário que as coisas fossem pequenas para poderem ser revistas naquele espaço, para fazerem-se de novas. Aquela caixa não era um espaço em miniatura, nem mesmo poderia ser um edifício pequeno. O que se apresentou foi uma dimensão completa, com capacidade de transformar as coisas que a visitavam. A caixa, que pode ter parede de papelão, madeira ou tecido, fazia analogia ao sólido permeável que promete ter mais uma camada além daquela visível. O desejo que se tem quando perto demais de algo, de que apareça mais uma esfera que se revele como cerne, é saciado. Lembrei-me do saguão dos teatros e das filas que se formavam pelas pessoas à espera da vez de espiar e não sei exatamente o que perdi, mas sei exatamente que o primeiro espetáculo de Lambe-Lambe que vi foi sobre um espaço vazio.



# *Manual Básico do Lambe-lambeiro ou Algunas Bobagens Interessantes*

Jô Fornari – Atriz

**01** - Ter um bom amigo, amante, cônjuge, dentista (a ordem e a classificação aqui não importa). É... dentista mesmo! Não o otorrinolaringologista (o cara que cuida das partes da boca, tipo... língua). Se você tiver um bom contato com um dentista vai facilitar muito sua vida. Ele poderá conseguir todas as ferramentas de trabalho necessárias para as construções ínfimas. Aliás, o consultório odontológico é um sonho de consumo para um *lambe-lambeiro*. Lá tem quase tudo que se precisa. Desde aquelas espátulas finíssimas e de diversos formatos (maravilhosas para mexer com cola, bolinhas, detalhes no boneco), pinças, alicates, arames finos, tubinhos, até cápsulas (embalagens de amálgama) que viram ótimos refletores. Sem falar que foi lá que "descobri" a ribana, naquele "lambe-lambe" de revelação de raio X que todo dentista tem. E pra quem nunca viu, babem... eles tem uma maquininha

miniatura de solda, de dar inveja. O ideal mesmo seria que o amigo ou amante ou marido liberasse o consultório alguns dias pra trabalhar lá, tudo à mão!!!

A minha dentista, com quem tenho uma boa amizade, "surtou" com a técnica do *Lambe-Lambe* e entrou na *vibe* de conseguir as ferramentas, bem... tive que pedir pra parar de me dar materiais, já tava virando entulho na minha oficina. Incrível como uma coisa tão terrível, que é a situação de ir ao dentista, pode virar um deleite! Bem, pra alguma coisa serviu o irritante uso do aparelho ortodôntico por vários anos.

**02** - Gostar e admirar aquelas miniaturas que toda vó, tia ou colecionador aficionado tem. Serve também aqueles badulaques que ficam empoeirados na estante da sala. Elas são ótimas inspirações pra criação de cena, às vezes acabam virando elementos de cena.

**03** - Ter muita, mas muita paciência pra construir suas miniaturas. Nesse caso também é bom ter perto um terapeuta que lhe ajude a controlar a ansiedade e a irritabilidade. Por que a ideia é linda, mas o trabalho é lento e minucioso. No meu caso, é um exercício diário e conto com ajuda dos florais, gardenais, yoga e alguns pratos lançados nas paredes de vez em quando. Tudo tá valendo, o importante é... a arte!